



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC SP

Curso de Jornalismo

**A IMPORTÂNCIA DO JORNALISMO INVESTIGATIVO NA LUTA
CONTRA À CORRUPÇÃO NO FUTEBOL**

Nome do Aluno: Pedro Henrique Reis
Satelis

Orientador: Prof. Urbano Nobre Nojosa

São Paulo

Outubro /2023

**A IMPORTÂNCIA DO JORNALISMO INVESTIGATIVO NA LUTA
CONTRA À CORRUPÇÃO NO FUTEBOL**

Pedro Henrique Reis Satelis

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, como requisito parcial para conclusão do curso de graduação em Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC - SP, sob a orientação do prof.

São Paulo
OUTUBRO /2023
RESUMO

O trabalho teve como objetivo analisar a contribuição do jornalismo investigativo na identificação e mitigação da corrupção no futebol. Quanto à metodologia, esta revisão será realizada através de uma abordagem sistemática de pesquisa bibliográfica, abrangendo revistas científicas, livros especializados e relatórios de organizações esportivas. A análise qualitativa permitirá a síntese de informação relevante, proporcionando uma compreensão aprofundada do papel do jornalismo de investigação no combate à corrupção no futebol. Concluiu-se que é importante proteger o jornalismo independente e investigativo, reconhecendo o seu papel instrumental na promoção da transparência, da responsabilização e da preservação da integridade do futebol. À medida que a sociedade se torna mais consciente e exigente, o jornalismo continua a ser uma ferramenta vital na construção de um futuro em que o futebol não seja apenas um espetáculo desportivo, mas um campo onde a honestidade e a paixão prevaleçam sobre a corrupção e os interesses instalados. sombrio.

Palavras-chave: Futebol. Jornalismo Corrupção.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 O JORNALISMO.....	6
2.1 A objetividade do jornalista.....	7
2.2 A imparcialidade do jornalista: entre o ideal e a realidade.....	8
2.3 A verdade do jornalista.....	9
2.4 Jornalismo no Brasil: desafios e transformações	10
3 JORNALISMO INVESTIGATIVO	12
3.1 Jornalismo de investigação versus jornalismo sobre investigação: contextos e abordagens distintas	13
3.2 Jornalismo investigativo no esporte	18
4 O JORNALISMO ESPORTIVO.....	20
4.1 O jornalismo esportivo no Brasil	21
4.2 Os aspectos da cobertura jornalística esportiva.....	25
5 O COMBATE À CORRUPÇÃO NO FUTEBOL	34
5.1 A corrupção no futebol.....	34
5.2 O escândalo de corrupção da Federação Internacional do Futebol (FIFA) e da Confederação Brasileira de Futebol (CBF)	37
CONCLUSÃO	44
REFERÊNCIAS.....	46

1 INTRODUÇÃO

O futebol, ao longo das décadas, consolidou-se como mais do que um esporte, transformando-se num fenômeno global que transcende barreiras culturais, geográficas e sociais. No entanto, este aumento não é isento de desafios, e um dos problemas mais proeminentes que ameaçam a integridade e a transparência deste desporto é a corrupção. Neste contexto, o papel vital do jornalismo de investigação surge como uma ferramenta crucial na identificação, exposição e combate às práticas corruptas que corroem os alicerces do futebol.

A intersecção entre o jornalismo investigativo e o combate à corrupção no mundo do futebol representa um ponto crucial de análise neste estudo. A manipulação dos resultados compromete a essência competitiva do desporto, e a opaca gestão financeira dos clubes e federações levanta questões cruciais de governação e transparência, o que demonstra a amplitude e diversidade das manifestações de corrupção no cenário do futebol.

A manipulação de resultados, por exemplo, é um fenômeno que ameaça a essência imparcial e competitiva do desporto, minando a confiança dos adeptos e comprometendo a legitimidade das competições. Por outro lado, a gestão financeira duvidosa dos clubes e federações representa um desafio estrutural, alimentando potencialmente um ambiente propício ao florescimento da corrupção. Essas duas dimensões estão interligadas e requerem uma análise aprofundada para compreender as ramificações e impactos sistêmicos no cenário futebolístico.

A justificação para a realização desta revisão reside na necessidade premente de compreender o papel desempenhado pelo jornalismo de investigação como agente transformador no combate à corrupção no futebol. À medida que os escândalos continuam a minar a credibilidade do desporto mais popular do mundo, é imperativo analisar como o jornalismo de investigação não só revela violações éticas, mas também incentiva a mudança estrutural e promove a responsabilização.

O cerne do problema reside na opacidade que muitas vezes envolve as entranhas do futebol, proporcionando um terreno fértil para a proliferação da corrupção. As questões de governação, transparência financeira e integridade nas competições desportivas destacam-se como desafios cruciais que exigem uma abordagem crítica e analítica.

O objetivo geral desta revisão é analisar a contribuição do jornalismo investigativo na identificação e mitigação da corrupção no futebol. Para atingir este propósito, os objetivos específicos incluem o mapeamento de casos emblemáticos de investigações jornalísticas bem-sucedidas, a avaliação do impacto destas revelações nas estruturas desportivas e a identificação de lacunas que requerem atenção adicional.

Quanto à metodologia, esta revisão será realizada através de uma abordagem sistemática de pesquisa bibliográfica, abrangendo revistas científicas, livros especializados e relatórios de organizações esportivas. A análise qualitativa permitirá a síntese de informação relevante, proporcionando uma compreensão aprofundada do papel do jornalismo de investigação no combate à corrupção no futebol.

Este estudo busca contribuir para a compreensão e aprimoramento de práticas jornalísticas e políticas que possam fortalecer a integridade do futebol, garantindo que o esporte continue a inspirar paixão e excelência em todo o mundo.

2 O JORNALISMO

O jornalismo é uma das atividades mais cruciais e influentes da sociedade moderna. Por definição, é a prática de coletar, verificar, processar e transmitir informações para o público em geral. Essa definição aparentemente simples, no entanto, encerra uma complexidade e uma responsabilidade que vão muito além do que pode ser resumido em algumas palavras. O jornalismo é a espinha dorsal da democracia, uma ferramenta essencial para a sociedade, e um farol que ilumina o caminho em um mundo repleto de informações (DEUZE; WITSCHGE, 2015).

Em sua essência, o jornalismo visa a fornecer aos cidadãos informações precisas e imparciais sobre eventos, questões e acontecimentos que afetam suas vidas e comunidades. Isso é realizado por meio da coleta de notícias, que envolve a investigação de fatos, a entrevista de fontes, a análise de dados e a pesquisa aprofundada. Uma vez obtidas as informações, o jornalista trabalha para apresentá-las de maneira clara, objetiva e compreensível para o público (CHARRON; DE BONVILLE, 2023).

No entanto, o jornalismo é muito mais do que a mera transmissão de fatos. Ele desempenha um papel fundamental na sociedade ao servir como um contrapeso ao poder, ao questionar a autoridade e ao expor irregularidades. É o jornalismo que muitas vezes lança luz sobre casos de corrupção, abuso de poder e injustiças, desafiando a impunidade e defendendo a justiça. Portanto, é uma das pedras angulares da democracia, proporcionando à população a informação necessária para tomar decisões informadas e responsabilizar os líderes eleitos.

Além disso, o jornalismo também é uma ferramenta de educação. Não apenas informa, mas também educa, ao aprofundar temas complexos, explicar questões importantes e fornecer contextos históricos. Ele promove o pensamento crítico e a capacidade de discernir informações confiáveis das falsas, que é particularmente vital em um mundo inundado de notícias e desinformação.

O advento da internet e das mídias sociais trouxe mudanças significativas para o jornalismo. Hoje, os jornalistas enfrentam desafios como a disseminação rápida de informações não verificadas, a polarização das opiniões e a concorrência com fontes de notícias não tradicionais. No entanto, a importância do jornalismo permanece inabalável. Nesse contexto, a necessidade de jornalistas qualificados, comprometidos com a ética e a precisão, é mais premente do que nunca (DEUZE; WITSCHGE, 2016).

Em resumo, o jornalismo é muito mais do que relatar eventos. É um pilar da democracia, uma ferramenta para a responsabilidade e um instrumento de educação. É a busca incessante pela verdade em um mundo onde a informação é abundante, mas a confiabilidade é escassa. É um compromisso com a objetividade, a transparência e a defesa do interesse público. Portanto, o jornalismo não é apenas uma profissão; é um serviço essencial à sociedade, que molda e enriquece a vida de todos nós.

2.1 A objetividade do jornalista

A objetividade é um dos pilares fundamentais do jornalismo. Ela representa o compromisso do jornalista em relatar os fatos de maneira imparcial, sem viés pessoal, político ou ideológico. A busca incessante pela objetividade é o que confere credibilidade ao jornalismo e permite que o público confie nas informações apresentadas (DEUZE; WITSCHGE, 2015).

A objetividade no jornalismo é, em essência, a habilidade de relatar os fatos de forma justa e equilibrada, independentemente das crenças pessoais do jornalista. Isso significa que o repórter deve evitar tomar partido, expressar opiniões ou influenciar o público com suas próprias convicções. A objetividade não apenas garante que os leitores ou espectadores recebam informações precisas, mas também permite que formem suas próprias opiniões e julgamentos com base nos fatos apresentados.

A importância da objetividade vai além do mero relato dos eventos. Ela desempenha um papel crucial na preservação da democracia e no escrutínio do poder. Quando os jornalistas são objetivos em sua cobertura, podem atuar como cães de guarda da sociedade, expondo irregularidades, corrupção e abuso de poder. A imparcialidade é a base para que o jornalismo cumpra sua função de responsabilizar os governantes e as instituições, promovendo assim uma sociedade mais justa e transparente (CHARRON; DE BONVILLE, 2023).

No entanto, alcançar a objetividade completa pode ser um desafio. Os jornalistas são seres humanos com crenças, valores e perspectivas pessoais, e esses elementos podem inadvertidamente influenciar seu trabalho. Além disso, as pressões comerciais e políticas podem criar obstáculos para a objetividade. A busca por audiência, a competição entre meios de comunicação e as agendas políticas podem levar à tentação de adotar uma postura tendenciosa (REGINATO, 2019).

Para enfrentar esses desafios, os jornalistas devem aderir a princípios éticos rigorosos, como a verificação cuidadosa dos fatos, o equilíbrio na cobertura e a separação clara entre notícia e opinião. O treinamento contínuo e a autorreflexão também desempenham um papel importante na busca pela objetividade.

Além disso, é importante reconhecer que a objetividade não significa a ausência total de perspectiva. Todos os jornalistas têm um contexto e uma bagagem pessoal que influenciam sua percepção do mundo. No entanto, a objetividade envolve o esforço constante de separar essas influências pessoais dos fatos objetivos e apresentá-los de forma justa (DEUZE; WITSCHGE, 2015).

Em conclusão, a objetividade é um valor central do jornalismo, essencial para a construção da confiança pública e para a defesa da democracia. Embora alcançá-la possa ser desafiador, os jornalistas têm a responsabilidade de se esforçar constantemente para serem imparciais em seu trabalho, garantindo que as notícias sejam um espelho fiel da realidade. A objetividade não é apenas uma aspiração; é um compromisso essencial para informar o público de maneira justa e precisa.

2.2 A imparcialidade do jornalista: entre o ideal e a realidade

A imparcialidade é um dos princípios fundamentais do jornalismo, uma pedra angular da ética jornalística que visa garantir que os profissionais da área relatem os fatos de maneira justa e equilibrada, sem favorecer qualquer lado ou posição. Embora a imparcialidade seja um ideal nobre e essencial no campo jornalístico, é importante reconhecer que a sua aplicação completa e absoluta pode ser complexa e, em alguns casos, até mesmo ilusória (LISBOA; BENETTI, 2015).

A imparcialidade é fundamental para a credibilidade do jornalismo. Ela assegura que o público receba informações equilibradas e confiáveis, permitindo que os leitores, ouvintes e espectadores formem suas próprias opiniões com base em fatos precisos, e não em viés ideológicos ou políticos. Quando os jornalistas são imparciais, eles desempenham um papel vital na fiscalização do poder, na exposição de abusos e na promoção do debate democrático.

No entanto, a busca pela imparcialidade completa pode ser desafiadora. Os jornalistas são seres humanos com suas próprias perspectivas, experiências e crenças. Esses elementos pessoais podem influenciar sutilmente a forma como selecionam, apresentam e interpretam as notícias. Além disso, as pressões

comerciais, políticas e sociais podem criar obstáculos para a imparcialidade. A competição por audiência, a busca por cliques na internet e as agendas políticas podem tentar os jornalistas a adotar uma postura tendenciosa (KARAM, 2014).

Portanto, é importante reconhecer que a imparcialidade não significa a ausência completa de perspectiva. Ela implica em fazer o máximo esforço para minimizar viés pessoais e garantir que as diversas vozes e pontos de vista sejam representados de maneira justa. A imparcialidade não é sinônimo de neutralidade cega; é um compromisso com a equidade na cobertura jornalística (CHRISTOFOLETTI, 2015).

Além disso, é importante distinguir entre notícia e opinião. Enquanto a imparcialidade é essencial na apresentação de notícias, é aceitável e, muitas vezes, valiosa que os jornalistas expressem opiniões em seções claramente identificadas como editoriais ou colunas de opinião. Isso permite que os leitores diferenciem entre relatos objetivos e análises subjetivas.

Em conclusão, a imparcialidade é um princípio central do jornalismo, fundamental para manter a confiança pública e a integridade do campo jornalístico. Embora a busca por essa imparcialidade seja desafiadora, os jornalistas têm a responsabilidade de fazer todos os esforços para relatar os fatos de maneira justa e equilibrada. A imparcialidade não é uma utopia, mas um ideal a ser perseguido continuamente, garantindo que o jornalismo continue a ser uma força importante na sociedade, promovendo a democracia e a transparência.

2.3 A verdade do jornalista

O jornalismo é uma busca incessante pela verdade. A verdade é o alicerce sobre o qual repousa a credibilidade do jornalista e a confiança do público. É um compromisso sagrado com a sociedade, uma promessa de relatar os fatos de maneira precisa e imparcial, independentemente das circunstâncias ou influências externas.

A busca pela verdade é o princípio fundamental que guia o trabalho do jornalista. Ela implica a responsabilidade de investigar profundamente, verificar os fatos, ouvir múltiplas fontes e apresentar uma narrativa que reflita fielmente a realidade dos eventos. A verdade jornalística não é subjetiva; é objetiva, baseada em evidências e verificável (CHRISTOFOLETTI, 2015).

A importância da verdade no jornalismo é multifacetada. Primeiramente, ela é essencial para a informação precisa do público. As notícias falsas ou imprecisas podem distorcer a compreensão do público sobre eventos e questões, minando a confiança nas instituições de mídia e prejudicando a tomada de decisões informadas. Quando os jornalistas se comprometem com a verdade, eles capacitam o público a compreender os problemas de maneira equilibrada e a formar opiniões bem fundamentadas.

Além disso, a busca pela verdade é um mecanismo de prestação de contas. Jornalistas frequentemente desempenham o papel de fiscalizadores, expondo corrupção, abuso de poder e injustiças. Quando a verdade é revelada por meio do jornalismo, os responsáveis por práticas antiéticas ou ilegais são confrontados com a responsabilidade e a justiça é servida (KARAM, 2014).

No entanto, a busca pela verdade no jornalismo não é isenta de desafios. Jornalistas podem enfrentar pressões políticas, econômicas e sociais que tentam influenciar ou restringir sua capacidade de relatar os fatos com precisão. A competição por notícias de última hora e a busca por cliques na internet podem levar à publicação precipitada de informações não verificadas. A polarização política e as bolhas informativas também tornam desafiador para os jornalistas alcançar públicos diversificados (REGINATO, 2019).

Além disso, a verdade no jornalismo é um ideal que deve ser perseguido constantemente, mas que raramente é alcançado de maneira absoluta. Jornalistas são seres humanos com suas próprias perspectivas e limitações, e podem cometer erros. No entanto, o jornalismo ético e responsável implica a disposição de corrigir erros quando ocorrem e garantir que a precisão seja uma prioridade constante.

2.4 Jornalismo no Brasil: desafios e transformações

O jornalismo no Brasil desempenha um papel fundamental na sociedade, atuando como um dos pilares da democracia, informando o público e fiscalizando o poder. No entanto, enfrenta desafios significativos e passa por transformações profundas à medida que se adapta às mudanças tecnológicas, políticas e sociais.

O jornalismo no Brasil tem uma história rica e diversificada, que remonta aos primórdios do país. No entanto, o formato moderno do jornalismo ganhou força no século XIX, com a criação de jornais que desempenhavam um papel central na

formação da opinião pública e no debate político. Desde então, o jornalismo brasileiro cresceu e se diversificou, abrangendo diversos meios de comunicação, incluindo impressos, rádio, televisão e, mais recentemente, a internet e as redes sociais.

Um dos maiores desafios enfrentados pelo jornalismo no Brasil é a questão da independência e da liberdade de imprensa. Embora o país tenha uma imprensa livre e plural, jornalistas frequentemente enfrentam ameaças, censura, ataques verbais e até mesmo violência física ao investigar questões sensíveis ou críticas ao governo e a outros poderes. A liberdade de imprensa é um pilar essencial da democracia, e sua manutenção é uma preocupação constante (CHARRON; DE BONVILLE, 2023).

Além disso, o jornalismo no Brasil também enfrenta desafios econômicos. A transição do modelo de negócios tradicional para o digital tem sido desafiadora para muitas organizações de mídia. A publicidade, que historicamente sustentava a maior parte das operações jornalísticas, agora está migrando para plataformas online e redes sociais, reduzindo as receitas das empresas jornalísticas tradicionais.

A desinformação e as *fake news* são outro desafio crítico que o jornalismo enfrenta no Brasil, como em todo o mundo. A disseminação de informações falsas nas redes sociais pode minar a confiança do público nas fontes de notícias tradicionais e prejudicar a qualidade do debate público.

No entanto, apesar desses desafios, o jornalismo no Brasil está em constante evolução. Jornalistas e organizações de mídia estão se adaptando às mudanças tecnológicas, experimentando novos modelos de negócios e adotando práticas de verificação de fatos para combater a desinformação.

Além disso, a diversidade e a pluralidade do jornalismo brasileiro continuam sendo pontos fortes. Há uma variedade de vozes e perspectivas representadas na mídia brasileira, permitindo que diferentes grupos e comunidades tenham suas histórias contadas.

3 JORNALISMO INVESTIGATIVO

O jornalismo investigativo é a forma mais profunda e apaixonante de reportagem jornalística. É uma disciplina que exige dedicação, resiliência e uma busca implacável pela verdade. No cerne do jornalismo investigativo está a missão de revelar informações que estão escondidas, expor a corrupção, desvendar segredos e dar voz aos mais vulneráveis.

Esse tipo de jornalismo desempenha um papel fundamental na manutenção da democracia e na promoção da transparência e da responsabilidade. Ao revelar casos de corrupção, abuso de poder e comportamento antiético, jornalistas investigativos servem como guardiões do interesse público. Eles agem como fiscalizadores do governo e das instituições, mantendo-as em cheque e garantindo que prestem contas por suas ações.

Um dos exemplos mais emblemáticos do poder do jornalismo investigativo foi o escândalo de Watergate nos Estados Unidos, na década de 1970. Jornalistas do jornal *The Washington Post*, Bob Woodward e Carl Bernstein, desempenharam um papel crucial na exposição das atividades ilegais da administração Nixon. Esse caso não apenas resultou na renúncia do presidente, mas também consolidou a reputação do jornalismo investigativo como um contrapeso eficaz ao poder (FORTES, 2005).

Além disso, o jornalismo investigativo desempenha um papel importante em dar voz aos menos ouvidos. Muitas vezes, os jornalistas investigativos se concentram em histórias de pessoas marginalizadas ou vítimas de abuso, destacando injustiças e questões sociais que de outra forma seriam ignoradas. Isso ajuda a criar consciência pública e a pressionar por mudanças positivas.

No entanto, o jornalismo investigativo é uma tarefa árdua e repleta de desafios. Os jornalistas enfrentam ameaças à sua segurança física e jurídica, bem como pressões comerciais e políticas para não divulgar certas informações. Além disso, investigações profundas exigem recursos significativos em termos de tempo e dinheiro, o que nem sempre está disponível nas redações.

Outro desafio é manter os padrões éticos rigorosos enquanto se busca a verdade. Os jornalistas investigativos devem ser cautelosos para não invadir a privacidade de pessoas inocentes ou publicar informações imprecisas. A responsabilidade e a precisão são cruciais para manter a credibilidade (FERNANDES; DE LIMA, 2017).

O jornalismo investigativo é uma força vital para a democracia e a sociedade. Ele desempenha um papel crítico na exposição da corrupção, na promoção da transparência e na defesa dos menos afortunados. Embora enfrentem desafios significativos, os jornalistas investigativos continuam a ser uma fonte inestimável de informação e um farol de esperança na busca da verdade. Eles são os contadores de histórias destemidos que iluminam a escuridão e, assim, desempenham um papel fundamental na construção de sociedades mais justas e transparentes.

3.1 Jornalismo de investigação versus jornalismo sobre investigação: contextos e abordagens distintas

O jornalismo é uma área ampla e diversificada, com diferentes vertentes e abordagens que atendem a diversos propósitos informativos. Duas dessas vertentes, muitas vezes confundidas, são o "jornalismo de investigação" e o "jornalismo sobre investigação". Embora ambos desempenhem um papel importante na cobertura jornalística, eles operam em contextos e com abordagens distintas (FERNANDES; DE LIMA, 2017).

O jornalismo de investigação é uma forma de reportagem que envolve a pesquisa aprofundada e a coleta de informações sobre um tópico específico, muitas vezes revelando questões ocultas, corrupção, abuso de poder ou escândalos. Os jornalistas de investigação trabalham em investigações profundas e demoradas, muitas vezes envolvendo pesquisa extensa, entrevistas, análise de documentos e a busca por fontes confiáveis. O resultado de seu trabalho é frequentemente uma reportagem detalhada que expõe problemas e irregularidades para o público.

Um exemplo notável de jornalismo de investigação é o famoso caso Watergate, em que os jornalistas do The Washington Post, Bob Woodward e Carl Bernstein, investigaram e revelaram atividades ilegais ligadas ao governo dos EUA na década de 1970. Essa investigação resultou na renúncia do presidente Richard Nixon e ilustrou o poder do jornalismo investigativo em desvendar a verdade (FERNANDES; DE LIMA, 2017).

Por outro lado, o jornalismo sobre investigação refere-se à cobertura jornalística que aborda e relata as atividades de investigações em andamento conduzidas por autoridades, organizações ou indivíduos. Em vez de realizar investigações profundas, os jornalistas que cobrem investigações relatam os desenvolvimentos, progressos e

resultados de investigações em curso. Isso pode incluir informações sobre investigações criminais, questões de interesse público ou descobertas científicas.

Um exemplo comum de jornalismo sobre investigação é a cobertura de casos policiais em que os jornalistas relatam os desenvolvimentos de uma investigação criminal, incluindo atualizações sobre prisões, acusações, depoimentos e julgamentos.

Embora ambas as formas de jornalismo desempenhem papéis cruciais na sociedade, suas abordagens e objetivos são distintos. O jornalismo de investigação visa aprofundar e expor questões ocultas, enquanto o jornalismo sobre investigação informa o público sobre os desenvolvimentos em investigações em andamento.

Há autores que defendem que o jornalismo de investigação é um ramo distinto do jornalismo tradicional, com o seu próprio conjunto de técnicas e especialidades. Contudo, Cleofe Monteiro de Sequeira (2005) apresenta uma visão alternativa da obra de Márquez. Na sua opinião, o jornalismo investigativo pode ser classificado como uma categoria única dentro do jornalismo.

Embora toda prática jornalística envolva alguma forma de investigação, há uma categoria que se destaca das demais, tanto pelo processo de trabalho profissional quanto pelos métodos de pesquisa e estratégias operacionais. Essa categoria é conhecida como jornalismo investigativo (SEQUEIRA, 2005, p. 15).

Do ponto de vista do autor, fica claro que existe uma distinção entre o jornalismo convencional e o jornalismo investigativo, embora ambos sejam ramos do jornalismo. A diferença está na forma como funcionam. Como observamos, todo jornalismo envolve investigação, mas o que os diferencia é o grau de investigação, seja uma investigação superficial ou mais aprofundada que requer mais tempo para verificar os fatos. Hunter (2013) afirma que o jornalismo investigativo é distinto do jornalismo tradicional, e o fator distintivo é o trabalho investigativo envolvido.

Fica evidente que a investigação demanda consideravelmente mais esforço em comparação com o jornalismo cotidiano. De fato, ela é mais laboriosa em cada etapa do processo, embora seja possível conduzi-la de maneira eficaz e satisfatória. Além disso, é uma atividade muito mais gratificante – tanto para o público quanto para a organização e o próprio profissional (HUNTER, 2013, p. 10).

Além de discutir o sentimento de satisfação do jornalista investigativo ao finalizar a investigação, o autor também enfatiza sua importância para o público. O objetivo principal do jornalismo investigativo é trazer à luz questões anteriormente

ocultas e torná-las conhecidas da sociedade em geral. Ao contrário da cobertura jornalística tradicional, que tende a ser passiva, o jornalismo investigativo não é qualquer tipo de cobertura, como observa o autor.

O jornalismo investigativo consiste em revelar ao público questões que estão ocultas, seja intencionalmente por pessoas em posições de poder, ou acidentalmente, ocultas por trás de uma complexidade de fatos e circunstâncias que dificultam o entendimento. Essa prática exige a utilização de fontes e documentos tanto secretos quanto divulgados (HUNTER, 2013, p. 10).

Segundo Fortes (2010), é fato indiscutível que o jornalismo não é uma carreira para quem prefere ir com calma. Como resultado, a investigação aprofundada é um componente integrante do desenvolvimento das investigações jornalísticas, uma vez que o responsável pelo caso deve ter conhecimento de todas as informações disponíveis e que podem ser acessadas.

O cerne do jornalismo reside na sua vertente investigativa, que se dedica a descobrir as “verdades escondidas”. O jornalismo investigativo, portanto, é um componente crucial do campo jornalístico. Não se preocupa apenas com o direito do público de saber, mas também com o bem-estar social, trazendo à luz o que anteriormente não foi revelado. Sequeira (2005) investiga o significado social do jornalismo e o seu papel na formação da consciência pública.

Seu propósito é apresentar ao leitor narrativas capazes de desvendar intrincadas tramas de corrupção no setor público, episódios de violência policial, casos delicados como a exploração sexual de crianças e adolescentes, ou o tráfico de órgãos para transplantes (SEQUEIRA, 2005, p. 182).

Nos tempos modernos, tanto o jornalismo tradicional como o de investigação adoptaram novos métodos que perturbam a sua investigação, verificação de factos e comunicação com as fontes. A ascensão da tecnologia revolucionou não só o cenário global, mas também o campo do jornalismo, ao oferecer maior eficiência e rapidez no processo investigativo. Fortes (2010) discute o impacto que a tecnologia teve na esfera jornalística e as modificações que ela trouxe na forma como os jornalistas conduzem seu trabalho.

Até o início dos anos 1990, a obtenção de dados e estatísticas demandava a presença física dos jornalistas nas fontes, envolvendo a pesquisa meticulosa em registros e análise de planilhas. Na atualidade, o que não se encontra disponível nas páginas da internet pode ser solicitado e recebido por fax ou e-mail, graças às facilidades proporcionadas pelas assessorias (FORTES, 2010, p. 9).

O jornalismo investigativo é um campo único que se distingue em termos da profundidade da investigação e do comprometimento de tempo envolvido. Ao contrário das notícias de última hora que são divulgadas pelas redações no espaço de um dia, o jornalismo investigativo requer um período mais longo de investigação. Descobrir questões complexas exige muita paciência e capacidade de ver além do que é visível para o público em geral.

De maneira geral, o resultado final de uma reportagem, seja para jornal, rádio, TV ou internet, resulta da apuração de um fato pelo repórter a partir de diversas fontes, sejam elas documentais ou pessoais. O que singulariza o jornalismo investigativo em relação aos outros setores da atividade são as circunstâncias geralmente mais complexas dos fatos, a amplitude de sua cobertura noticiosa e o tempo necessário para sua realização, que, por sua vez, tende a ser mais prolongado, embora frequentemente realizado sob pressão (FORTES, 2010, p. 35).

Para dissecar de forma abrangente o funcionamento do jornalismo investigativo, recorreremos a fontes nacionais e internacionais que fornecem definições técnicas e procedimentos para a recolha e investigação de informações. Estas fontes também enfatizaram a importância de investir tempo e esforço significativos na construção de relatórios investigativos. Nosso objetivo foi discernir as variações que distinguem as duas formas de jornalismo. Como quadro de comparação, consultamos a tabela de Hunter (2013), que delinea os parâmetros distintivos do jornalismo convencional e do jornalismo investigativo.

Jornalismo Convencional	Jornalismo Investigativo
As informações são compiladas e divulgadas com frequência pré-determinada, seja diária, semanal ou mensal.	A publicação da informação depende da garantia da sua coerência e integridade.
Terminada a história, a busca é prontamente concluída. Nenhuma investigação ou investigação adicional é realizada.	O processo de pesquisa persiste até que a história seja confirmada, podendo até persistir além do momento da publicação.
A narrativa prospera com a quantidade mais básica de detalhes e geralmente é breve em sua extensão.	Ao construir uma história, é importante ter o máximo de informações possível para criar uma narrativa completa e detalhada. Isto pode resultar numa composição longa, mas é crucial incluir todas as informações relevantes para garantir uma descrição completa e

	precisa dos acontecimentos que estão a ser narrados.
É possível que as declarações de origem sejam substituídas por documentação	A documentação que pode corroborar ou refutar as fontes é um componente necessário do relatório.

A tarefa de conceituar o jornalismo investigativo é desafiadora porque, como mencionado anteriormente, é um tema que tende a gerar polêmica. Acadêmicos e profissionais reiteram continuamente em seus trabalhos, estudos e artigos que toda atividade jornalística pode ser investigativa ou deveria ser investigativa. Sequeira (2005) reconhece que o termo jornalismo investigativo ainda enfrenta resistência significativa no Brasil; no entanto, já foi estabelecido e amplamente aceito entre os jornalistas norte-americanos. Embora o argumento de que todo jornalismo deveria ser investigativo tenha mérito, seria errôneo aplicá-lo apenas para negar a existência do jornalismo investigativo no Brasil, uma vez que uma parcela considerável do que é publicado na imprensa brasileira são reportagens mal verificadas, baseadas em declarações não comprovadas e acusações. Sequeira (2005) enfatiza que nem todo conteúdo publicado em jornais, incluindo tanto as manchetes de destaque quanto as matérias menores, pode ser considerado jornalismo investigativo. Muito do que é divulgado é material consultivo – press-releases que trazem sugestões de conteúdo e distribuem informações que favorecem o orientador.

Muitos dos textos que ocupam as manchetes das primeiras páginas dos jornais chegam prontos às redações no formato de press-releases, os quais são produzidos por assessorias de imprensa ou pelas secretarias de comunicação social de órgãos públicos e privados. Nesse cenário, o jornalismo é praticado sem a realização de qualquer investigação, pelo menos por parte da equipe de reportagem responsável por sua publicação (SEQUEIRA, 2005, p.16).

A mesma linha de raciocínio ilustrada anteriormente também é seguida por Nascimento (2010), que adota uma abordagem direta ao afirmar que:

No contexto da realidade, a maior parte das matérias veiculadas pela imprensa não possui caráter investigativo, embora ainda sejam consideradas matérias jornalísticas. Portanto, dado que apenas algumas matérias jornalísticas incorporam a investigação, é um fato que o jornalismo investigativo existe e se distingue do jornalismo diário e de outras formas mais convencionais de prática jornalística (NASCIMENTO, 2010, p. 14).

O jornalismo investigativo é frequentemente visto de forma desfavorável nas redações. Os jornalistas que se especializam neste tipo de investigações são muitas vezes separados dos seus pares, o que lhes dá uma sensação de exclusividade, uma vez que não cobrem notícias regulares e, em vez disso, concentram-se em tarefas especiais. Esta percepção não se limita apenas a outros profissionais da indústria, mas também é partilhada pelos próprios jornalistas de investigação, que podem considerar o seu trabalho mais importante do que outros. Com o tempo, o jornalismo investigativo deixou de ser uma prática generalizada para se tornar uma área cada vez mais especializada, tornando-se até um nicho e um símbolo de status dentro do jornalismo brasileiro, segundo Fortes (2010).

3.2 Jornalismo investigativo no esporte

O jornalismo investigativo no esporte desempenha um papel fundamental na sociedade contemporânea, revelando informações cruciais, desvendando escândalos e expondo a verdade nos bastidores do mundo esportivo. Esse tipo de jornalismo não se limita apenas a relatar os resultados das competições ou a análise tática dos jogos, mas vai além, buscando investigar, denunciar e esclarecer questões que afetam a integridade e a ética do esporte (REDISCH; UNZELTE; DO PRADO, 2017).

Uma das características mais marcantes do jornalismo investigativo esportivo é sua capacidade de expor práticas ilegais, como doping, manipulação de resultados e corrupção, que minam a integridade do esporte. Jornalistas dedicados a essa área frequentemente atuam como guardiões da ética esportiva, expondo trapaças e fraudes que poderiam passar despercebidas. A investigação jornalística pode ajudar a manter o esporte limpo, garantindo que os atletas compitam em condições justas e iguais (COELHO, 2004).

Além disso, o jornalismo investigativo esportivo desempenha um papel crucial na responsabilização de figuras proeminentes no mundo esportivo, incluindo dirigentes, treinadores e atletas. Essas investigações podem revelar casos de abuso, má gestão financeira, suborno e outros comportamentos prejudiciais. Ao expor esses problemas, os jornalistas contribuem para a transparência e a prestação de contas no esporte, ajudando a promover mudanças e reformas necessárias.

A investigação jornalística no esporte também pode desempenhar um papel importante na proteção dos direitos dos atletas. Jornalistas investigativos muitas

vezes destacam questões como o assédio, a discriminação e a exploração de jovens talentos. Essas reportagens podem dar voz aos atletas que enfrentam situações injustas e contribuir para a adoção de políticas e práticas mais justas no esporte (REDISCH; UNZELTE; DO PRADO, 2017).

No entanto, o jornalismo investigativo esportivo enfrenta desafios significativos, incluindo a pressão por parte de interesses comerciais e políticos que buscam evitar a exposição de escândalos. Além disso, os jornalistas podem enfrentar ameaças e retaliações por parte daqueles que desejam manter as irregularidades ocultas.

Apesar dos desafios enfrentados pelo jornalismo investigativo no esporte, há razões para otimismo. O acesso à informação está mais difundido do que nunca, graças à internet e às redes sociais, o que permite que jornalistas investigativos tenham mais recursos para pesquisar, verificar e divulgar suas descobertas. Além disso, a sociedade está cada vez mais consciente da importância de manter o esporte limpo e ético, pressionando por maior transparência e responsabilidade (COELHO, 2004).

Para promover ainda mais o jornalismo investigativo no esporte, é fundamental que as organizações de mídia, órgãos esportivos e patrocinadores apoiem e protejam os jornalistas que realizam esse trabalho. Isso inclui garantir a segurança dos repórteres, respeitar seu sigilo profissional e não ceder a pressões externas que possam comprometer sua integridade.

Além disso, é importante que os jornalistas investigativos sejam treinados e tenham acesso a recursos adequados para realizar suas investigações de forma eficaz. Isso pode incluir parcerias com organizações de defesa dos direitos humanos, ONGs e outras entidades que possam fornecer apoio técnico e jurídico.

Em suma, o jornalismo investigativo desempenha um papel crítico na manutenção da integridade, ética e transparência no esporte. Embora enfrentem desafios significativos, os jornalistas investigativos têm o poder de expor a verdade, responsabilizar aqueles que violam as regras e promover um esporte mais justo e equitativo. É fundamental apoiar e fortalecer essa forma essencial de jornalismo para o bem do esporte e da sociedade como um todo.

4 O JORNALISMO ESPORTIVO

O jornalismo esportivo sequer era uma ideia concebida quando, no ano III A.C., ocorreu o primeiro registro de uma prática esportiva que se assemelhava ao futebol moderno. Em diferentes partes do mundo, esportes semelhantes foram registrados, embora com denominações distintas.

Na Antiguidade, já se praticava um jogo em que uma bola era chutada com os pés. Há relatos de que até mesmo crânios eram utilizados como bola. Um documento do III a.C. menciona que o aniversário do imperador Xperi era celebrado com uma partida de tsu-chu. Esse jogo era conhecido como Kemari no Japão, epysko na Grécia, haspatun em Roma, soule na Bretanha e Normandia, e calcio na Itália (MILLS, 2014, p. 42).

No entanto, na literatura antiga, já se pode identificar os primeiros registros concretos de práticas esportivas por meio da poesia. Conforme apontado por Mello (2014), a poesia foi uma das primeiras formas de disseminar o esporte no mundo. Na Grécia Antiga, durante os jogos esportivos realizados em várias cidades, os atletas que se destacavam eram imortalizados em poemas como forma de gratidão aos deuses. Naquela época, conquistar a vitória era uma condição para ser considerado um herói, e a poesia se tornava o meio de preservar o nome do atleta para a posteridade. Píndaro, por meio de suas Odes, celebrava as realizações dos heróis atléticos e garantia a imortalidade de seus nomes. Embora esses relatos possam distorcer a realidade dos acontecimentos, eles demonstram a presença de emoção e a necessidade de perpetuar os eventos esportivos.

Assim, surge o esporte moderno, cuja característica primordial era a competição, uma mudança significativa em relação aos esportes que, anteriormente, tinham conotações religiosas e festivas. De acordo com Gallatt (2010), a estrutura do esporte moderno teve suas raízes no final do século XVIII, na Inglaterra, alicerçada nos valores aristocráticos e impulsionada pelo crescimento da classe burguesa emergente. Essa transformação na prática esportiva representou um marco nos avanços sociais e passou a ser de interesse coletivo. Como resultado, as competições e atividades esportivas passaram a ser amplamente divulgadas.

4.1 O jornalismo esportivo no Brasil

O jornalismo esportivo no Brasil teve sua origem no final do século XIX e, desde então, tem buscado expandir-se e evoluir em sintonia com o desenvolvimento dos esportes. Em novembro de 1894, um homem desembarcou no Brasil trazendo consigo os elementos necessários para introduzir um esporte que já se tornara comum na Europa: o futebol. Charles Miller, após passar uma década na Inglaterra, considerada o berço do futebol, não só estudou, mas também praticou o esporte. Cinco meses após sua chegada ao Brasil, em 1895, Miller organizou sua primeira partida em território nacional. A partir desse momento, apesar dos desafios culturais e sociais, o futebol começou a ganhar popularidade (REDISCH; UNZELTE; DO PRADO, 2017).

Com o futebol firmemente estabelecido no Brasil, a imprensa também começou a dedicar espaço a esse novo esporte, embora de maneira limitada. No entanto, as seções dedicadas aos esportes em geral ainda eram pequenas. O jornal *Fanfulla*, destacado por Venâncio (2005), foi um dos pioneiros a dedicar páginas ao esporte. De acordo com Coelho (2004, p. 1), nesse período inicial, "a popularização era o que faltava". Essa popularização aconteceu com a entrada dos negros no esporte e a conquista do título pelo Vasco da Gama em 1924.

O jornal *Fanfulla*, criado em 1910, foi o primeiro periódico a dedicar páginas à divulgação do esporte. O jornal, que era voltado para os imigrantes italianos em São Paulo, chegou a publicar um anúncio convocando os leitores a fundar um clube de futebol. Daí surgiu o *Palestra Itália*, que durante a II Guerra Mundial passou a se chamar *Palmeiras*.

Junior (2017) também destaca que nos anos 30 emergiu o pioneiro jornal exclusivamente dedicado aos esportes no Brasil, o "*Jornal dos Sports*", situado no Rio de Janeiro. Este foi, de fato, o primeiro diário totalmente voltado para o universo esportivo no país. Após o lançamento desse periódico inovador, diversos outros jornais esportivos foram estabelecidos, assim como revistas e, posteriormente, portais online, especialmente no final do século XX. Bretones (2010) também examina essa fase inicial do jornalismo esportivo no Brasil.

A entrada dessa nova classe social no mercado de publicações esportivas pode não ser o motivo principal, mas certamente foi um dos fatores que levaram o Rio de Janeiro a testemunhar o nascimento do *Jornal dos Sports* nos anos 1930, criado pelo jornalista Mário Filho, sendo o primeiro diário do Brasil dedicado exclusivamente aos

esportes. Contudo, de maneira curiosa, a inclusão dos negros no mercado consumidor também foi um dos sérios motivos que contribuíram para o fim do *Jornal dos Sports* e de outras publicações esportivas que surgiram posteriormente, como a *Revista do Esporte*, que esteve ativa no Rio de Janeiro entre o final da década de 1950 e o início dos anos 60.

Foi na segunda metade do século XX que o esporte experimentou um notável crescimento nos meios de comunicação do Brasil, tanto nas rádios quanto na televisão. Apesar do desfecho trágico para o futebol brasileiro, a Copa do Mundo de 1950 desempenhou um papel crucial ao impulsionar a popularização do esporte na mídia esportiva do país. Ribeiro (2007) evidenciou que, desde os primórdios do futebol no Brasil no início do século, nunca houve um período tão lucrativo e empolgante para investir naquilo que logo se tornaria a paixão nacional.

Desde seu surgimento no início do século XX, os empresários da mídia esportiva jamais lucraram tanto com o futebol. Participar da cobertura da primeira Copa do Mundo de Futebol realizada no Brasil significava assegurar, no futuro, um lugar na história da imprensa esportiva. Ganhando ou perdendo, todos os veículos de comunicação e profissionais da imprensa saíam lucrando (RIBEIRO, 2007).

No entanto, foi nos anos 1960 que o Brasil começou a presenciar os primeiros indícios de consolidação das publicações esportivas, conforme salientado por Bretones (2010, p. 12).

Foi precisamente na década de 1960 que o Brasil começou a vivenciar os primeiros anos de afirmação das publicações esportivas. Nesse período, os principais jornais do Brasil começaram a incluir seções dedicadas ao esporte, embora a ótica do preconceito ainda permeasse as redações. Um exemplo notável desse tipo de publicação foi o *Caderno de Esportes*, que deu origem ao icônico *Jornal da Tarde*.

Uma década depois, uma revista especializada em esportes fez sua estreia: a *Placar*, como ressaltado por Venâncio (2005, p. 11).

Em março de 1970, a Editora Abril lançou sua primeira revista esportiva: *Placar*. Curiosamente, o principal motivo para o lançamento da revista não foi a iminência da conquista do tricampeonato no México, mas sim a estreia da *Loteria Esportiva*, que tinha como slogan 'Aprenda a ficar tão rico quanto Pelé'. Consequentemente, a seção mais lida era justamente a de prognósticos dos resultados.

Entretanto, foi nos anos 1990 que a internet experimentou um crescimento significativo como meio de divulgação de notícias, seguindo a tradição do rádio, da

televisão e da mídia impressa. O jornal e portal de notícias Lance! se destacaram como lançamentos pioneiros nessa época, e desde então, vários outros surgiram para acompanhar o avanço do cenário esportivo brasileiro, como o Globoesporte.com e o site do canal de televisão por assinatura ESPN, Espn.com.

Assim como o jornalismo em geral, os jornais passaram por mudanças na maneira como abordam as notícias e na importância atribuída a cada seção. No campo do jornalismo esportivo, ao longo dos anos, também ocorreram transformações significativas. Inicialmente, ocupava apenas um espaço limitado nos jornais, com textos refinados e de caráter elitista. No entanto, com o tempo, ganhou maior reconhecimento e até mesmo destaque nas capas dos periódicos. Neste capítulo, exploraremos a "origem do jornalismo esportivo" e como essa área conquistou mais espaço nos veículos de comunicação.

A imprensa esportiva brasileira deve muito de sua tradição a Nelson Rodrigues, que enaltecia o trabalho de seu irmão mais velho, Mário Rodrigues Filho. Muitos, incluindo Nelson Rodrigues, consideram Mário Rodrigues Filho como o pioneiro do jornalismo esportivo moderno. No entanto, também há discordâncias em relação a essa afirmação (NETO, 2018). A regionalização do trabalho de Mário Filho no Estado do Rio de Janeiro gera divergências entre os pesquisadores sobre se ele é verdadeiramente o fundador do jornalismo esportivo moderno. De acordo com Luiz Henrique Toledo (2002), a modernização da crônica esportiva estava ocorrendo paralelamente em outros Estados, principalmente em São Paulo e no Rio Grande do Sul.

No entanto, existe um ponto de convergência e acordo entre eles: Mário Filho foi o pioneiro em dar mais espaço às crônicas esportivas. Com o elogio de Nelson Rodrigues em suas crônicas e a renovação da crônica esportiva, Mário Filho conseguiu valorizar o jornalismo esportivo de forma notável.

Além de conquistar mais visibilidade, Mário Filho foi o primeiro a dedicar-se exclusivamente à crônica esportiva, provocando uma mudança no delicado equilíbrio de poder que, por meio da imprensa, sustentava a hegemonia das elites sobre o significado e os valores do futebol (PERDIGÃO, 2017). De acordo com Renato Sérgio (2000), Mário Filho se tornou um dos jornalistas mais populares na cidade do Rio de Janeiro e uma figura tão reconhecida quanto os próprios atletas nos estádios durante os anos 1940.

Mario Rodrigues Filho, um carioca popular e aclamado, faleceu em 17 de setembro de 1966 e era um fervoroso admirador do Maracanã. Um mês após sua morte, a prefeitura municipal do Rio de Janeiro, em homenagem a ele, decidiu renomear o estádio, que então passou a ser conhecido como Estádio Jornalista Mario Filho.

Embora o futebol tenha sido o esporte protagonista que não apenas consolidou, mas também ajudou a popularizar o jornalismo esportivo, a cobertura esportiva atualmente transcende em muito o âmbito do futebol. De acordo com Guerra, o jornalismo esportivo era inicialmente desvalorizado, mas gradualmente conquistou legitimidade em seu espaço:

O jornalismo esportivo é uma atividade, uma subdivisão do campo jornalístico, que inicialmente enfrentou preconceitos, sendo considerado uma área menor. Ao longo do tempo, contudo, consolidou-se como um domínio cada vez mais legítimo e relevante, integrando as teorias de Comunicação. O diferencial reside no fato de lidarmos diretamente com a paixão e a emoção. Devido a essa conexão emocional, o jornalismo esportivo exerce um impacto e ganha projeção significativamente superiores em comparação a outras áreas editoriais. A natureza de lidar com torcedores fervorosos, tanto a favor quanto contra, contribui para esse impacto elevado. Portanto, percebo o jornalismo esportivo como, antes de tudo, uma prática profissional realizada com paixão (GUERRA, 2015, p. 42).

Conforme Maluly (2015) observou, o jornalismo esportivo oferece uma ampla gama de possibilidades de cobertura, permitindo abordagens diversas tanto nos esportes profissionais quanto nos amadores.

De acordo com Ronaldo George Helal (2015), "jornalismo esportivo é jornalismo". Entretanto, há uma distinção notável nesta área em comparação ao jornalismo político, pois o jornalismo esportivo permite um envolvimento pessoal com o objeto das notícias. No entanto, é importante notar que atualmente há uma tendência significativa no jornalismo esportivo de se afastar gradualmente do foco exclusivo no esporte e de se dedicar a uma abordagem mais investigativa (HELAL, 2015).

O fato incontestável é que o esporte mais popular no Brasil é o futebol, o que inevitavelmente tem um grande impacto na cobertura midiática de esportes. No entanto, a questão fundamental que surge é: o jornalismo esportivo se limita apenas ao futebol? Para Anderson Gurgel Campos (2015), essa é uma questão complexa, pois os teóricos que estudam comunicação e esporte no Brasil têm divergências a respeito.

Se observarmos o que comumente é apresentado como "jornalismo esportivo" nos jornais, revistas e na televisão, perceberemos que predominantemente se concentra no futebol, com pequenas incursões no automobilismo, vôlei, basquete e, ocasionalmente, destacando figuras como Gabriel Medina e Daiane dos Santos. Isso evidencia um problema na forma como a mídia esportiva retrata o mundo esportivo, limitando-se, em grande parte, ao futebol e a alguns outros eventos esporádicos. Por outro lado, a teoria que aborda esse tema nos indica que o jornalismo esportivo, em sua essência, está relacionado a todo um campo que abrange questões esportivas de valor noticioso, que são consideradas objetos jornalísticos, de interesse público, e que o jornalismo desempenha seu papel ao organizar e transmitir informações para o público. Assim, surge a necessidade de repensar o conceito de jornalismo esportivo, visando promover uma abordagem mais abrangente que contemple não apenas o esporte de alto rendimento, como o futebol, mas também englobe outras dimensões do universo esportivo. Essa revisão propõe um jornalismo que aborde não apenas o profissional, mas também o amador, o universitário, o esporte inclusivo, envolvendo diferentes faixas etárias, desde a terceira idade até as crianças, e o esporte no contexto educacional. Este é um posicionamento defendido pelo autor como uma militância em prol de uma cobertura jornalística mais abrangente e inclusiva do esporte (CAMPOS, 2015, p. 45).

Conforme apontado por Coelho (2011), um jornalista que ingressa na redação com a expectativa de escrever exclusivamente sobre futebol pode se decepcionar, já que, quando necessário, ele terá que cobrir outros esportes.

Na rotina da editoria de esportes, é comum notar uma separação clara entre as equipes dedicadas ao futebol e aquelas que cobrem outras modalidades esportivas. No entanto, isso não implica que a equipe voltada para o futebol esteja isenta de cobrir eventos de outras modalidades. Pelo contrário, espera-se que eles o façam sempre que necessário (COELHO, 2011, p. 37).

Mesmo na cobertura cotidiana do futebol, é essencial que o jornalista esportivo esteja atento aos eventos importantes no mundo esportivo de forma mais ampla. Isso permite que ele desempenhe seu trabalho com qualidade e sem dificuldades causadas pelo desconhecimento dos eventos relevantes no cenário esportivo.

4.2 Os aspectos da cobertura jornalística esportiva

O jornalismo esportivo apresenta muitas semelhanças com outras áreas do jornalismo, embora às vezes seja erroneamente associado ao entretenimento. Quando realizado com excelência, ele exige uma pesquisa profunda e utiliza técnicas específicas, conforme destacado por Barbeiro e Rangel (2006). Sempre permeado pela emoção, o jornalismo esportivo necessita de constante reinvenção, e os profissionais que optam por se especializar nesse campo enfrentam um cenário único.

A reportagem esportiva apresenta peculiaridades distintas de alguns segmentos do jornalismo, pois, em competições, os protagonistas já são previamente conhecidos, e a elaboração da pauta, por dispor de informações adicionais, facilita o trabalho do repórter. A seleção de dados é realizada com antecedência, incumbindo tanto ao pauteiro, quando esse profissional está disponível no veículo, quanto ao repórter a inclusão de informações complementares durante a transmissão (MALULY, 2004, p. 86).

Um jornalista esportivo é treinado para fazer muito mais do que simplesmente relatar placares e eventos; ele precisa aplicar a dose certa de emoção, técnica e informação para que os acontecimentos sejam memoráveis. Por esse motivo, o planejamento editorial desempenha um papel fundamental na criação de um produto de qualidade. Embora compartilhe semelhanças com outras áreas do jornalismo, a pauta esportiva possui características distintas que a diferenciam das demais.

De acordo com as orientações de Barbeiro e Rangel (2006), é essencial adotar certos cuidados ao planejar a cobertura de um assunto, especialmente quando se lida com eventos tão efêmeros. A excelência no jornalismo sempre exige uma apuração rigorosa, e o mesmo critério se aplica à pauta esportiva, como enfatiza Maluly (2004), que descreve a pauta jornalística como um guia que delinea as informações essenciais para a construção da reportagem.

A pauta engloba elementos essenciais para o desenvolvimento da matéria, como um histórico detalhado dos personagens envolvidos e do evento iminente. Nesse contexto, todos os aspectos devem ser abordados, desde os principais dados da vida pessoal e profissional dos envolvidos até os resultados anteriores de clubes e atletas na competição em questão ou em eventos passados. Além disso, são considerados os principais confrontos entre competidores e episódios marcantes da disputa. O histórico da competição também é contemplado, pois é dele que depende o interesse do público pelos clubes e atletas, assim como as regras específicas do torneio, abrangendo não apenas o esporte em si, mas também o formato do próprio campeonato (MALULY, 2004, p. 86).

Embora muitos acreditem que a pauta no jornalismo esportivo seja centrada na instantaneidade, ela deve ser concebida como um roteiro orientador para o jornalista. Nesse sentido, a pauta compartilha semelhanças com as demais editorias, já que a base de um bom jornalismo reside na elaboração de uma pauta sólida. Conforme apontado por Barbeiro e Rangel (2006, p. 24-25), uma reportagem de qualidade requer a construção de uma pauta que indique o que escrever e quais entrevistas conduzir. "Quanto mais detalhada ela for, mais auxilia o trabalho do repórter e, conseqüentemente, contribui para uma matéria de qualidade no final do processo". Os autores também destacam que os repórteres talentosos não seguem a pauta de maneira rígida, permitindo que a criatividade colabore com o roteiro.

O conhecimento prévio da maioria das informações contidas na pauta do jornalismo esportivo pode ser valioso na produção de uma reportagem. No entanto, essa mesma familiaridade com os detalhes pode levar a matérias que se limitam a apresentar fatos. Coelho (2003) ressalta que é necessário um esforço constante para tornar atrativas as matérias cujas informações já foram divulgadas. É precisamente esse esforço contínuo que a pauta deve incorporar, diferenciando-se pela capacidade de transformar informações em narrativas envolventes.

Criar uma pauta inteligente uma vez não representa o desafio principal. A complexidade reside em persuadir as redações de que esse esforço é contínuo, devendo ser realizado diariamente para superar as notícias de última hora que, erroneamente, consideram mais relevantes, mesmo que o leitor já tenha conhecimento prévio. Mesmo que, ao virar a página, ele não perceba que o investimento feito no jornal pela manhã foi extremamente mal empregado. Contudo, não é suficiente vencer os noticiaristas; é necessário disciplina para conceber o melhor para todos, buscando diariamente uma perspectiva distinta dos acontecimentos (COELHO, 2003, p. 80).

A elaboração de uma pauta de qualidade requer a atuação de um profissional especializado, conhecido como pauteiro. No entanto, no jornalismo esportivo, nem sempre há a contratação exclusiva desse profissional, sendo comum que os repórteres escolham e desenvolvam suas próprias pautas. O pauteiro deve ser perspicaz e preciso na seleção dos tópicos a serem cobertos, evitando a repetição de temas e buscando constantemente novas perspectivas e abordagens para a cobertura cotidiana. De acordo com Barbeiro e Rangel (2006), mesmo que outros profissionais desempenhem múltiplas funções, é fundamental designar um núcleo de pauteiros para acompanhar as pautas produzidas pelos repórteres.

Deve existir uma interação constante entre o pauteiro e o repórter, pois este último possui autonomia para rejeitar propostas impraticáveis ou que tenham perdido a relevância e a oportunidade. Assim, pautas não são teses prontas nem axiomas que se repetem sem que se questione o motivo (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 28).

A cobertura de eventos esportivos, que muitas vezes apresentam repetição de cenários, pode levar o jornalista a cair na rotina. Um problema comum é a tendência de copiar pautas de outros veículos ou confundir a agenda dos jogos com o planejamento de pautas. Como observado por Barbeiro e Rangel (2006), criar pautas no jornalismo esportivo significa fugir do óbvio. Eles destacam que tanto a televisão quanto o rádio e o jornal impresso frequentemente reproduzem pautas uns dos outros.

Portanto, é crucial que os jornalistas empreguem a criatividade, mesmo diante da frequência dos eventos esportivos.

É neste ponto que uma pauta bem elaborada faz a diferença, transformando o cotidiano em algo único. O desafio é abordar os eventos esportivos de forma original, destacando-se em meio à sobrecarga de informações. Essa é a essência de uma pauta inteligente, que se traduz em um exercício constante de criatividade. Nas palavras de Coelho (2013), o desafio não é encontrar uma única pauta criativa, mas sim transformar o jornalismo esportivo em um contínuo exercício de criatividade. A única maneira de mostrar que o esporte é viável é demonstrar que o jornalismo esportivo não é feito apenas sobre o esporte.

Após a elaboração da pauta, o profissional inicia a cobertura do evento esportivo. Cada meio de comunicação, seja impresso, televisivo, radiofônico ou online, possui suas próprias linguagens e abordagens para documentar os fatos. Segundo Sérgio Noronha (2004), o jornal impresso tende a adotar uma abordagem mais documental, com comentários e opiniões mais intensos do que a cobertura do evento em si. Por outro lado, a televisão enfatiza a transmissão ao vivo, proporcionando uma experiência mais imersiva, enquanto o rádio se destaca pela capacidade de entrevistar um grande número de pessoas, muitas vezes em locais remotos, como por meio de ligações telefônicas.

A cobertura esportiva também pode ser considerada uma forma de jornalismo de serviço, conforme apontado por Barbeiro e Rangel (2006). Em eventos esportivos de grande importância, como os clássicos, muitas emissoras de rádio e televisão destacam três repórteres para a cobertura. Cada um deles se concentra em um dos times envolvidos, enquanto um terceiro, conhecido como "repórter da galera", tem a missão de observar e relatar tudo o que acontece fora das quatro linhas. Esse jornalista desempenha um papel igualmente crucial, pois mantém o público informado sobre os eventos que ocorrem nos bastidores, complementando a cobertura esportiva.

O jornalismo de serviço no contexto esportivo visa fornecer informações relevantes para que os torcedores aproveitem o espetáculo da maneira mais conveniente possível. Isso inclui informações como preços de ingressos, condições de trânsito no dia do evento e horários de início e término. A seguir, apresentam-se alguns exemplos de jornalismo de serviço na cobertura esportiva.

Uma forma de prestação de serviço é anunciar se os sanitários do local estão em plenas condições de limpeza e funcionamento, e também se estão em

número compatível com a capacidade de público. Não se esqueça, isso é um direito do torcedor.

- O torcedor deve saber se os produtos alimentícios comercializados no local de realização do evento esportivo estão com preços excessivos ou aumentaram sem justa causa.
- Para cada grupo de 10 mil torcedores deve haver um médico, dois enfermeiros e uma ambulância. Cheque se está tudo certo.
- Garantir ao torcedor o direito a uma competição organizada quanto aos regulamentos e a venda de ingressos,
- Cabe à entidade organizadora da competição contratar seguros pessoais para cada torcedor. O seguro será válido desde o momento em que o torcedor estiver dentro do estádio.
- Os estádios com capacidade superior a 20 mil pessoas devem ter câmeras de vídeo espalhadas pelo local e instaladas junto às catracas eletrônicas para controlar a entrada e saída de torcedores. As imagens servem para monitorar o público presente e ajudar na segurança do evento.]
- Todo local de prática esportiva deve assegurar acessibilidade ao torcedor portador de deficiência ou com mobilidade reduzida.
- O torcedor tem direito a frequentar os estádios de futebol com tranquilidade, devendo ser garantida sua segurança antes, durante e depois das partidas. Verifique a presença de "orientadores de público", responsáveis pela orientação aos torcedores dentro e fora dos estádios.
- Todo torcedor portador de ingresso tem o direito a um seguro de acidentes pessoais que será válido desde o momento em que ingressar no estádio.
- O Jornalista esportivo deve ter amplo conhecimento do Estatuto do —Torcedor", que visa a defesa e proteção dos torcedores (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 61-62).

Além de fatos e dados, a cobertura jornalística, em particular a esportiva, requer a transmissão de emoção. Bocage (2004, p. 66) destaca que a emoção presente em uma cobertura esportiva é única em sua essência, independentemente de sua escala. Nesse contexto, testemunhamos o ser humano em busca de superar marcas ou desafiar a si mesmo, em uma jornada de aprimoramento. A cobertura esportiva evoca sentimentos diversos, como alegria, tristeza, frustração, euforia e idolatria, e é quase impossível não se envolver nesse cenário. Segundo o autor, a qualidade de uma cobertura jornalística está intrinsecamente ligada à capacidade de transmitir emoção aos espectadores e leitores.

Coelho (2003) também enfatiza que a cobertura esportiva vai além dos fatos concretos, demandando criatividade. Muitos jornalistas de renome atualmente começaram suas carreiras na editoria esportiva, incluindo nomes como Armando Nogueira, que antes de dirigir a Rede Globo, trabalhou como jornalista esportivo, assim como Alberico Souza Cruz e Evandro Carlos de Andrade. Em todas essas trajetórias, a emoção desempenha um papel central, uma vez que muitos jornalistas nutrem paixões clubistas.

No entanto, a devoção pessoal de um jornalista a um time não deve interferir na integridade e isenção de sua cobertura esportiva. Um exemplo disso é Juca Kfourri,

que, apesar de sua identificação como torcedor corintiano, sempre manteve a objetividade e imparcialidade em seu trabalho (COELHO, 2003). A paixão clubista não deve sobrepujar a responsabilidade profissional de um jornalista. Embora a emoção possa enriquecer uma cobertura esportiva, essa emoção deve ser equilibrada e imparcial em relação a todos os times, independentemente das preferências pessoais.

Portanto, uma cobertura jornalística de qualidade envolve uma combinação de entrevistas, pesquisa, criatividade e emoção. É essencial prestar atenção aos detalhes para proporcionar uma experiência enriquecedora aos espectadores e leitores.

Uma das ferramentas essenciais na cobertura esportiva é a entrevista no campo de jogo, pois permite ao público obter informações sobre as reações dos jogadores e treinadores durante a partida. Essas entrevistas capturam as emoções e pensamentos dos envolvidos no momento dos eventos esportivos.

É igualmente fundamental evitar a armadilha do sensacionalismo nas coberturas esportivas. Conforme aponta Maluly (2004), é contraproducente que os torcedores estejam mais interessados em detalhes da vida pessoal de um atleta do que em seu desempenho esportivo em uma competição. A tentação do sensacionalismo pode ser significativa, dado que os bastidores de várias modalidades esportivas frequentemente abrigam acontecimentos que extrapolam o campo esportivo e têm implicações políticas.

Barbeiro e Rangel (2006) destacam que o esporte sempre esteve intrinsecamente ligado aos interesses políticos, desde as antigas Olimpíadas na Grécia até os dias atuais. Isso fica evidente nas tentativas de interferência política nas Olimpíadas de Berlim em 1936 pelo regime nazista e durante a Ditadura Brasileira em 1970, quando o governo associou a conquista da Copa do Mundo à criação do Campeonato Brasileiro de Futebol.

De acordo com Coelho (2003), a organização dos campeonatos no Brasil frequentemente envolve interferência política ou influência da federação estadual sobre a Comissão Brasileira de Futebol. Cobrir os bastidores desse ambiente pode ser equiparado a uma cobertura política, já que está repleto de situações políticas e de interesse público.

A política também pode ultrapassar as quatro linhas, como indicam Barbeiro e Rangel (2006), com muitos presidentes de clubes esportivos sendo eleitos para cargos políticos, como deputados estaduais, federais e até senadores. Um exemplo

notável é Andrés Sanches, ex-presidente do Corinthians, que após seu primeiro mandato na presidência do clube, ingressou na política e se tornou deputado federal por São Paulo de 2015 a 2019. Em seguida, retornou à presidência do clube entre 2018 e 2020.

Portanto, devido à complexa interligação entre esporte e política, jornalistas investigativos que atuam na área esportiva podem desvendar informações exclusivas sobre crises e questões políticas no mundo do esporte. Como destaca Coelho (2003), é benéfico que esses jornalistas tenham um sólido entendimento das leis para compreender, por exemplo, por que o Comitê Olímpico Brasileiro pode ou não repassar verbas para determinadas confederações esportivas.

Reportagens especiais muitas vezes surgem a partir de observações minuciosas feitas por repórteres dentro de clubes esportivos ou contextos semelhantes. Como destacado por Barbeiro e Rangel (2006), a cobertura dos bastidores da política esportiva envolve a busca por informações exclusivas, antecipação de decisões e a obtenção de furos jornalísticos, que são informações inéditas e valiosas. Muitos desses bastidores são explorados por setoristas, jornalistas especializados que acompanham de perto um determinado clube ou se dedicam a algumas modalidades olímpicas específicas, conforme apontado por Sérgio du Bocage (2004).

Para ilustrar a importância desses furos jornalísticos, podemos considerar um exemplo relatado por Maurício Noriega no livro de Barbeiro e Rangel (2006). Durante o ano de 1977, Noriega cobria os acontecimentos esportivos para A Gazeta Esportiva. Nesse período, estava ocorrendo uma negociação sigilosa entre o Palmeiras e o técnico Luiz Felipe Scolari. Em uma conversa com o então presidente do Grêmio, Fábio Koff, Noriega obteve uma informação valiosa: Koff revelou que o Palmeiras estava em negociações para contratar o técnico, e que o Grêmio também estava interessado em contratá-lo. Com base nessa informação sigilosa, o repórter utilizou técnicas de investigação jornalística para desvendar o furo jornalístico e trazer a notícia em primeira mão.

Isso demonstra como a habilidade de observação, investigação e obtenção de informações exclusivas desempenha um papel crucial na criação de reportagens especiais no jornalismo esportivo. Esses momentos de destaque podem fornecer aos leitores insights únicos e detalhes emocionantes dos bastidores do mundo esportivo.

A relação com as fontes nos bastidores do mundo esportivo é um fator de extrema importância e inegável. Conforme destacado por Maluly (2004), todas as partes envolvidas, direta ou indiretamente, em uma notícia esportiva são fontes de consulta para o repórter esportivo. No entanto, é fundamental manter um equilíbrio entre o relacionamento profissional e a amizade, uma vez que, como aponta Coelho (2003), jornalistas que cobrem esportes podem enfrentar desafios ao separar esses aspectos.

Barbeiro e Rangel (2006) também advertem que o jornalista não deve permitir que as fontes explorem a relação de maneira desvantajosa, enfatizando que nenhuma notícia deve ser pautada por favores nas manchetes dos jornais, nos microfones ou em qualquer meio de comunicação. As fontes no jornalismo esportivo podem incluir jogadores, presidentes, membros de torcidas organizadas, funcionários do clube, técnicos e qualquer pessoa ligada, direta ou indiretamente, à rotina de uma agremiação esportiva, inclusive colegas de profissão.

Um setorista esportivo não se limita a noticiar apenas os eventos esportivos em si. Como Coelho (2004) salienta, um bom jornalista esportivo é, antes de tudo, um bom jornalista em geral. A rotina desse profissional requer que ele esteja constantemente envolvido com o clube ou agremiação esportiva que cobre, seja viajando pelo Brasil ou para outros países. Dado que está sempre nos bastidores, o jornalista deve estar atento a informações que podem se transformar em notícias a qualquer momento e em qualquer lugar. Um relato do jornalista Marcelo Tieppo, apresentado por Barbeiro e Rangel (2006), pode ilustrar essa necessidade de estar sempre preparado para capturar informações valiosas no contexto esportivo.

No entanto, é raro encontrar jornalistas que conseguem atuar de maneira versátil nesse sentido. Como afirmam Barbeiro e Rangel (2006), quando as reportagens no mundo do esporte saem do contexto esportivo específico, muitos jornalistas esportivos, com algumas exceções notáveis, parecem se retirar da cena, como se esses temas não lhes dissessem mais respeito. Os autores apontam que alguns profissionais se acomodam em se dedicar apenas à cobertura de jogos e suas ramificações, como o acompanhamento médico e os treinos diários dos atletas. Entretanto, eles ressaltam que os mesmos princípios de isenção, postura investigativa, independência, equilíbrio e boa-fé que são exigidos dos jornalistas que cobrem outras áreas devem ser aplicados também aos jornalistas esportivos.

A prática da investigação jornalística no contexto esportivo pode elevar um repórter esportivo a um nível profissional notável. Muitas reportagens esportivas de destaque são produzidas por jornalistas dedicados e apaixonados pelo seu trabalho. Essas reportagens podem ser veiculadas em diversos meios de comunicação, como jornais impressos, programas de televisão, estações de rádio, sites na internet e até mesmo em livros-reportagem. Esses livros-reportagem destinados à cobertura esportiva frequentemente agregam detalhes e aprofundamentos que as notícias factuais não conseguem oferecer. Portanto, acredita-se que um livro-reportagem que aborde a jornada do Manaus F.C. rumo à conquista do acesso no Campeonato Brasileiro da Série C em 2019 poderia se tornar uma reportagem de destaque, além de representar um importante registro histórico para o futebol amazonense.

5 O COMBATE À CORRUPÇÃO NO FUTEBOL

5.1 A corrupção no futebol

A prática esportiva, especialmente o futebol, conquistou significativa relevância na vida cotidiana da população brasileira desde a chegada de Charles Miller. Os clubes, originalmente amadores, começaram a se profissionalizar no início do século XX, conforme explicado por Neves (2011, p. 17), principalmente durante a década de 1930.

Com a profissionalização do futebol, que rapidamente se tornou o esporte mais praticado no país, houve uma inserção na ótica capitalista. O amadorismo desapareceu gradualmente, transformando clubes e seleções em verdadeiras empresas, financiadas por patrocínios, transferências de jogadores, receitas televisivas, bilheteria, entre outras fontes. Azevedo e Rabelo (2002, p. 1) esclarecem essa mudança de direção, destacando a mercantilização do esporte, especialmente do futebol.

Nos últimos anos, a comercialização do esporte, especialmente do futebol, criou uma nova realidade em que grandes volumes de capital estão envolvidos nas atividades esportivas. Isso engloba a comercialização de direitos de imagem para empresas de artigos esportivos, a transmissão de partidas por meio de TV, rádio e internet, as transferências de jogadores entre clubes e países, superando as fontes tradicionais de receita, como a venda de ingressos nos estádios. Recentemente, notáveis grupos de investidores, incluindo fundos de investimento multinacionais, atraídos pelo potencial econômico do futebol, têm ingressado no setor, patrocinando e co-administrando clubes e jogadores.

Após apresentar esse cenário contemporâneo do futebol no país, Azevedo e Rabelo (2002, p. 1) criticam a forma como a considerável circulação de dinheiro é conduzida no Brasil e as consequências desse amadorismo na gestão do futebol. A intervenção orientada pela busca de lucro e resultados que promovam a imagem da marca patrocinadora tem gerado impactos significativos, sujeitando o futebol a mudanças rápidas e distorções. No contexto brasileiro, onde a gestão ainda é conduzida de forma amadora e os negócios frequentemente ocorrem na informalidade, o resultado tem sido um aumento nos níveis de corrupção.

Essa busca por lucro, dirigida por emissoras de TV, empresas de investimento, marketing, empresários e agentes de jogadores, tem proporcionado grandes ganhos para alguns, enriquecimento pessoal de dirigentes, salários elevados para uma minoria de jogadores, mas, por outro lado, afundado entidades e clubes em profundas crises, chegando, em muitos casos, à insolvência. A maioria dos atletas recebe salários modestos, não possui sistemas de aposentadoria, resultando em uma queda na qualidade do futebol, estádios cada vez mais vazios e abandonados, sem reformas ou manutenção adequada, representando uma ameaça à segurança dos torcedores.

Para se ter uma noção, a FIFA (Federação Internacional de Futebol), a principal entidade responsável pelo futebol global, obteve, segundo a revista Isto é (2015, p. 43), uma receita de US\$ 5 milhões com a Copa do Mundo de 2014 no Brasil, sendo considerado o evento mais rentável da história. Além disso, a receita total da entidade entre 2011 e 2013 alcançou US\$ 5,7 milhões, sendo que 70% desse montante resultou da venda de direitos de marketing e transmissão televisiva. Seis patrocinadores contribuíram com outros US\$ 190 milhões para associar suas marcas aos jogos de futebol. Fica evidente, dessa forma, que o futebol se transformou em um negócio altamente lucrativo, mas apenas para uma minoria privilegiada.

Os casos de corrupção que permeiam o universo do futebol ganham cada vez mais notoriedade, especialmente quando se trata de influentes dirigentes brasileiros. Nomes como João Havelange, Ricardo Teixeira, José Maria Marin e Joseph Blatter são frequentemente citados, destacando-se por suas altas posições e influências que os colocam sob os holofotes midiáticos.

A relação entre Edson Arantes do Nascimento, o lendário Pelé, e a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), antecessora da atual CBF, bem como a FIFA, revela uma intrincada teia de acontecimentos iniciados durante o regime militar em 1964. Nesse período, Pelé, considerado "patrimônio nacional não exportável", foi alvo de intensa vigilância por parte do governo, visando protegê-lo de possíveis influências políticas de grupos de esquerda.

Entre 1965 e 1975, agentes do governo monitoraram todos os passos de Pelé, inclusive suas movimentações financeiras. Paralelamente, João Havelange, presidente da CBD, sonhava em presidir a FIFA. Investigações revelaram uma relação mais estreita entre Havelange e Pelé do que se imaginava, incluindo empréstimos feitos em nome da CBD para estabilizar financeiramente o jogador.

Havelange, ao longo de uma década, concedeu empréstimos, pagou impostos de Pelé e interveio em sua transferência para o New York Cosmos, nos Estados Unidos. Essa intervenção, no entanto, não ocorreu sem custos. Havelange buscava usar a imagem de Pelé como cabo eleitoral em sua candidatura à presidência da FIFA.

A parceria entre Pelé, Havelange e seu genro, Ricardo Teixeira, que presidiu a CBF por mais de duas décadas, teve reviravoltas. Azevedo e Rabelo (2002, p. 3) destacam um episódio na década de 1990 envolvendo a empresa de Pelé, a Pelé Sports, e a tentativa de compra dos direitos de transmissão do Campeonato Brasileiro de 1994. Acusações de chantagem surgiram, expondo conflitos de interesses no âmbito esportivo.

A CPI criada em 2000 para investigar o contrato entre CBF-Nike-Traffic revelou um cenário de corrupção ainda mais amplo. Além do polêmico contrato, a CBF foi acusada de auxiliar financeiramente federações filiadas e políticos, aumentando suas despesas e remunerando dirigentes, o que contrariava o estatuto da entidade.

Outros casos de corrupção no futebol brasileiro foram escancarados, incluindo a controvérsia na escalação de Ronaldo na final da Copa de 1998 e o escândalo envolvendo a CPI, Nike e Traffic. Esses eventos, somados aos recentes casos de corrupção na FIFA, destacam a urgência de medidas eficazes para garantir a integridade e transparência no maior esporte do Brasil. O FBI desempenha um papel crucial ao expor e prender executivos da FIFA, revelando um dos maiores escândalos de corrupção no cenário esportivo global.

A saga de corrupção no futebol brasileiro, especialmente nas entidades que o governam, continua a desenrolar-se ao longo do tempo. A CPI de 2000 lançou luz sobre práticas questionáveis envolvendo a CBF, a Nike e a Traffic, revelando um panorama amplo de irregularidades, desde influências na escalação de jogadores até desvios de recursos em proveito próprio dos dirigentes.

A década de 2000 não trouxe alívio, mas sim uma ampliação do escopo da corrupção. A FIFA, palco máximo do futebol mundial, viu-se envolta em escândalos que abalaram suas estruturas. Altos executivos foram expulsos em 2010 por suspeitas de propinas na escolha das sedes dos Mundiais de 2018 e 2022. João Havelange e Ricardo Teixeira foram acusados de receberem vultosos US\$ 100 milhões da empresa de marketing esportivo ISL em 2011. O paraguaio Nicolás Leoz também entrou na lista de beneficiários de propinas dessa empresa em 2013.

O ano de 2014 revelou um novo capítulo, com a revelação de subornos na escolha das sedes para a Copa de 2018 (Rússia) e 2022 (Catar). Contudo, foi em 2015 que o escândalo de corrupção atingiu seu ápice. A prisão de diversos executivos da FIFA, graças às revelações de J. Hawila, dono da Traffic Group, escancarou os bastidores obscuros do futebol.

O FBI desempenhou um papel fundamental nesse desvendar, marcando um ponto de inflexão nos esforços para erradicar a corrupção no esporte. A atuação do órgão norte-americano revelou uma teia complexa de subornos, propinas e esquemas fraudulentos que envolviam não apenas dirigentes da FIFA, mas também de diversas confederações em todo o mundo.

Esses casos de corrupção no futebol não são meras anedotas isoladas; são reflexos de um sistema que permitiu práticas duvidosas por décadas. A transparência, a prestação de contas e a integridade tornaram-se imperativos cruciais para a reconstrução da confiança no esporte mais amado e assistido do mundo.

Em síntese, a corrupção no futebol brasileiro e internacional é um fenômeno complexo e multifacetado. Exige não apenas investigações rigorosas, mas também reformas estruturais nas entidades responsáveis pela administração do esporte. Somente assim será possível assegurar que o futebol permaneça um espetáculo justo, ético e verdadeiramente apaixonante para seus milhões de admiradores ao redor do globo.

5.2 O escândalo de corrupção da Federação Internacional do Futebol (FIFA) e da Confederação Brasileira de Futebol (CBF)

A Fundação da Federação Internacional de Futebol (FIFA) ocorreu em 21 de maio de 1904, em Paris, e sua sede está situada em Zurique, Suíça. De acordo com informações fornecidas pelo site oficial da FIFA (Fifa.Com), atualmente, ela conta com 211 organizações esportivas associadas, representando o futebol em diversos países. A FIFA é considerada a maior instituição internacional, superando até mesmo a ONU (Organização das Nações Unidas) e o Comitê Olímpico Internacional em número de membros associados.

A FIFA opera em colaboração com seis confederações continentais, cada uma responsável por competições desportivas em suas respectivas regiões. Essas confederações são CONMEBOL (Confederação Sul-Americana de Futebol),

CONCACAF (Confederation of North, Central American and Caribbean Association Football - presente na América do Norte, América Central e Caribe), UEFA (União das Associações Europeias de Futebol - idealizadora da UEFA Champions League), AFC (Asian Football Confederation - responsável pelas competições esportivas da Ásia), CAF (Confederação Africana de Futebol - lidando com os jogos de futebol da África) e OFC (Confederação de Futebol da Oceania - coordenando as ligas de futebol da Oceania).

A FIFA estabeleceu contratos milionários com patrocinadores renomados, incluindo Adidas, Coca-Cola, Gazprom, Hyundai e Kia Motors, Wanda Group e Qatar Airways. O Congresso Internacional da FIFA ocorre anualmente em Zurique, reunindo os membros das confederações internacionais. A estrutura organizacional da FIFA inclui dois órgãos executivos principais: o Conselho da FIFA e o Comitê de Emergência. A Secretaria-Geral coordena esses órgãos em colaboração com vinte e cinco comitês permanentes e departamentos jurídicos, como o Comitê Disciplinar e o Comitê de Recurso.

Adicionalmente, os Comitês Permanentes desempenham papéis específicos, abrangendo áreas como auditoria e conformidade, arbitragem, beach soccer, clubes, desenvolvimento, estádios e segurança, fair play e responsabilidade social. Além disso, existem comitês dedicados a federações, futebol, futebol feminino, copa do mundo feminina, futsal, mídia, status de jogadores, estratégia, finanças, medicina, organização de torneios, marketing e televisão, entre outros. Essa complexa estrutura demonstra o compromisso da FIFA com a gestão eficiente e o desenvolvimento abrangente do futebol em escala global.

Para a Fifa.Com, são designados o Comitê Jurídico e seus órgãos correspondentes (Comitê de Ética, Comitê de Recurso e Comitê Disciplinar), além dos Órgãos Temporários, que incluem o Comitê Organizador Local da Copa das Confederações da FIFA e Copa do Mundo da FIFA, Comitê Organizador Local da Copa do Mundo de Clubes da FIFA e o Comitê Organizador Local da Copa do Mundo de Clubes de Futsal da FIFA.

Os Órgãos Auxiliares desempenham funções diversas, contribuindo para as atividades do Centro de Pesquisa e Avaliação Médica da FIFA, da Dispute Resolution Chamber e de projetos sociais e de direitos humanos, como o Projeto "Goal" e o Task Force Against Racism and Discrimination, sempre presentes nas operações.

A FIFA, desde sua fundação, reuniu um expressivo número de membros e construiu uma imagem organizacional de destaque global. Essa reputação foi cuidadosamente observada, especialmente após a exposição de casos de corrupção nos meios de comunicação mundiais, notadamente o Caso Fifagate. Desde então, as autoridades e comitês correspondentes têm se empenhado em aderir a padrões éticos rigorosos e prevenir qualquer prática de corrupção, priorizando a realização das competições esportivas mundiais e suas iniciativas sociais.

No século XXI, a FIFA busca constantes avanços em seus processos organizacionais e uma imagem exemplar de suas atividades e personalidades, marcando mais de cem anos de história institucional como a principal promotora da prática do futebol. Atualmente, a organização procura valorizar sua imagem por meio de notícias e reportagens sobre o futebol mundial, evitando associar sua história aos episódios de corrupção divulgados nos últimos anos, como a Operação Fifagate, que recebeu ampla cobertura internacional.

Enfatizando as memórias das grandes competições mundiais e destacando as personalidades esportivas que são exemplos na trajetória do esporte, a nova seção FIFA World Cup 2022 News exemplifica essa nova fase. Uma reportagem e entrevista com o ex-jogador brasileiro Marcos Evangelista de Moraes, também conhecido como Cafu, serve como homenagem à Seleção Brasileira. Entretanto, a reportagem "Cafu: Every player dreams of winning the World Cup" busca transmitir o aspecto humano do futebol, destacando que "o principal evento do futebol significa muitas coisas para muitas pessoas, especialmente para aqueles que ergueram o cobiçado troféu. E um jogador que guarda memórias especiais do torneio é o ex-Capitão do Brasil Cafu."

Um exemplo que a FIFA destaca como a personificação do sucesso do futebol internacional, capaz de inspirar as futuras gerações e contribuir para inaugurar uma nova fase tanto da FIFA quanto da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em preparação para a FIFA World Cup 2022.

No entanto, diante dessa nova missão de dissociar o nome da FIFA dos episódios de corrupção que envolveram seus dirigentes no Fifagate, a qual, segundo o Football Stadiums do Reino Unido, continua a relatar os desdobramentos da operação policial conduzida pela Interpol e Zurique em 2015, bem como outros aspectos ligados à sua repercussão global. Conforme destacado na reportagem "Corruption in Football" no Football Stadium Articles Neste contexto, buscaremos elucidar os desenvolvimentos mais recentes relacionados à corrupção, que parece ser

sistêmica dentro da FIFA, e também examinar outros casos e exemplos de períodos em que o futebol era menos do que um esporte simples e honesto.

Da mesma maneira, a realidade da La Liga (Primera División da Liga de Fútbol Profesional) e da Ameripol (Police Community of the Americas) se destaca, especialmente ao ser abordada na notícia "La Liga y Ameripol se unen para combatir la corrupción deportiva y erradicar la violencia en el fútbol". Este relata a assinatura de um acordo visando a colaboração com o objetivo de aprimorar a formação no combate à corrupção no esporte e reforçar a segurança nos estádios de futebol. Um dos principais propósitos dessa parceria é eliminar a violência no futebol.

Trata-se de uma iniciativa significativa que agrega esforços para combater a corrupção no futebol e reduzir os índices de violência no esporte. Este convênio contribuirá para a capacitação, assessoria e intercâmbio de materiais, recursos e ações relacionadas à proteção e integridade nos eventos de futebol, fortalecendo as políticas e ações tanto da La Liga quanto da Ameripol no sentido de erradicar a violência e as más práticas no futebol.

Atualmente, as principais entidades que lidam com o futebol, tanto em nível nacional quanto internacional, como FIFA, CBF, La Liga e Ameripol, buscam, por meio do webjornalismo esportivo e das assessorias de imprensa em escala global, divulgar suas ações, visando expressar uma imagem institucional positiva. Essas iniciativas têm o propósito de contribuir cada vez mais para superar os escândalos econômicos ocorridos no âmbito esportivo, especialmente a Operação Fifagate, ocorrida em Zurique, Suíça, em 2015.

Por sua vez, o The New York Times, por meio de seu The Editorial Board, publicou em 2015 a reportagem "FIFA's Corruption Stains World Soccer", abordando os principais aspectos do Fifagate e descrevendo a FIFA como um "órgão global de doações ao futebol", que sempre esperou maior envolvimento dos Estados Unidos em seu esporte. O Departamento de Justiça, em um movimento repentino e impressionante, acusou 14 funcionários do futebol e executivos de marketing esportivo de corrupção "desenfreada, sistêmica e enraizada", ocorrida em Zurique, Suíça.

No entanto, em 2016, um ano após a Operação Fifagate, o site El País, da Espanha, publica uma matéria que revela a FIFA exigindo compensação milionária de seus ex-executivos. A entidade também acusa a África do Sul de ter desembolsado

milhões de dólares em subornos para assegurar a realização da Copa do Mundo de 2010.

O Le Monde destaca a Operação Fifagate e suas repercussões globais na França. Segundo a Ministra da Justiça dos Estados Unidos, Loretta Lynch, a corrupção e o suborno estenderam-se à eleição do Presidente da FIFA em 2011 e aos "acordos de patrocínio de seleções nacionais do futebol brasileiro por uma grande empresa americana de equipamentos esportivos". Muitas reuniões, todas no continente americano, estão sob investigação pela justiça americana.

É crucial recordar as parcerias entre agentes e dirigentes esportivos da FIFA, orientadas para interesses pessoais e econômicos, principalmente na realização de megaeventos de futebol, como as Copas do Mundo e competições de renome internacional. Nomes como Joseph Blatter, Bin Hammam e Jack Warner, frequentemente associados a episódios de corrupção no meio esportivo, foram amplamente divulgados na imprensa mundial.

Atualmente, a Itália continua a ser mencionada em relação à corrupção e lavagem de dinheiro no futebol. Ao abordar eventos dos anos 90, Coelho (2009, p. 124) destaca que "a Itália tornou-se a meca do futebol mundial até 1992, com a maior média de público do planeta, impulsionada pela presença dos principais jogadores de todas as seleções nacionais". Entretanto, a Itália acabaria por enfrentar os episódios do Calciopoli, considerado o maior escândalo de corrupção. Conforme Fava (2020), durante sua longa história, o futebol italiano passou por vários escândalos que exigiram intervenção judicial ou esportiva. Mas foram sobretudo dois eventos que envolveram as equipes mais conhecidas da nossa liga, mudando efetivamente a história do futebol: o Totonero de 1980 e o Calciopoli, de 2006.

A corrupção no cenário do futebol internacional está intrinsecamente ligada aos eventos correlatos no Brasil, notadamente por meio da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Diversos acontecimentos são amplamente divulgados pelo webjornalismo esportivo, ganhando destaque mundial na vastidão da *world wide web*. Conforme Jennings (2011, p. 200), "no Brasil, em 2000, o Congresso brasileiro iniciou uma investigação conjunta de seus deputados e senadores a partir de alegações de que três figuras proeminentes da Confederação Brasileira de Futebol eram corruptas."

No contexto do futebol brasileiro, mudar essa realidade revela-se desafiador, dada a influência econômica e política dos envolvidos nos escândalos de corrupção, tanto a nível nacional quanto internacional. Rodrigo Mattos (2021), jornalista esportivo

e investigativo, destaca que no período de apenas sete anos, a CBF teve seus três últimos presidentes afastados do futebol por corrupção, e apesar disso, pouco mudou. O processo eleitoral da entidade ocorreu com a mesma falta de transparência e regras antidemocráticas que levaram sua credibilidade para a lama.

Os valores envolvidos nos casos de corrupção e lavagem de dinheiro no universo do futebol brasileiro e internacional, apresentados em investigações policiais e processos judiciais, têm crescido consideravelmente. Um exemplo é o esquema de corrupção denunciado por Jamil Chade, jornalista esportivo e correspondente internacional em Zurique, que afirma que a CBF recebeu R\$ 120 milhões, segundo o FBI.

Outra vertente relevante no contexto da corrupção no futebol brasileiro e internacional é o mercado de apostas. Wilson Raj Perumal, cidadão singapuriano condenado por manipular partidas de futebol, oferece uma perspectiva elucidativa em sua biografia "O Submundo do Futebol (Confissões de um Manipulador de Resultados)," publicada em 2016. Essa obra lança luz sobre uma realidade que permeia os esportes, em especial o futebol, evidenciando que, muitas vezes, o amor à camisa esconde uma obscura relação comercial. A vitória ou derrota torna-se uma questão de dinheiro pago à vista. Wilson Raj Perumal, um dos maiores manipuladores de resultados do mundo, assegura que quase todos os envolvidos, desde árbitros até jogadores, têm seu preço. Nesse jogo de cartas marcadas, as partidas são disputadas dentro das casas de apostas, onde o vencedor nunca é o time ou a torcida, mas sim quem paga mais e compra as pessoas certas.

O Brasil permanece em destaque no webjornalismo esportivo, nos meios de comunicação de massa e nas publicações especializadas em corrupção e lavagem de dinheiro no futebol. A Operação Cartola, deflagrada no Estado da Paraíba em 2018 pela Polícia Civil e o Grupo de Atuação Especial contra o Crime Organizado (GAECO) do Ministério Público do Estado da Paraíba (MPPB), é um exemplo relevante dessas práticas no cenário nacional e regional.

Em 2018, com a notoriedade da Operação Cartola no Brasil, o termo "Compliance" começa a ganhar popularidade no meio desportivo. A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) inicia um ciclo de palestras sobre compliance, visando torná-lo um aliado das empresas no combate à corrupção. Essas palestras também abordam os marcos históricos da legislação anticorrupção. O 1º Encontro de Compliance da CBF teve como tema central a legislação anticorrupção, reunindo

dirigentes de futebol, jornalistas e gestores do esporte no Rio de Janeiro, sendo transmitido ao vivo para todas as Federações Estaduais.

A inserção do Compliance no contexto desportivo requer harmonia com o Sistema Associativo, composto pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), Comitê Olímpico Brasileiro (COB), Federação Internacional de Futebol (FIFA), Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Federações de Futebol, Clubes e atletas profissionais em todo o território nacional. Segundo Januário (2019), os programas de compliance são ferramentas desenvolvidas como aliadas à governança corporativa, permitindo que as pessoas jurídicas, a partir do espaço de liberdade oferecido pelo Estado, busquem a autorregulação visando à redução dos riscos empresariais.

O impacto da corrupção no cenário organizacional do futebol brasileiro e mundial destaca a necessidade de uma maior capacitação técnica e aplicabilidade prática dos mecanismos de compliance. Estes, alinhados aos propósitos éticos, ao estrito cumprimento das normas institucionais e à implementação de medidas efetivas para prevenir, apurar, investigar e punir práticas ilícitas nas organizações, tornam-se fundamentais. Atualmente, a luta contra a corrupção assume novas formas, como evidenciado no tema central de séries de streaming, a exemplo de "El Presidente" (El Juego de La Corrupción) da Amazon Prime Video, lançada em 2020.

CONCLUSÃO

O papel do jornalismo é essencial contra a corrupção no futebol. Ao longo deste estudo, tornou-se evidente o papel que o jornalismo desportivo desempenha na exposição de práticas corruptas, na promoção da transparência e na responsabilização das instituições desportivas. A capacidade dos jornalistas para investigar, reportar e divulgar informações é um poderoso catalisador para mudanças e reformas no mundo do futebol.

A profissionalização do futebol, desde os seus primórdios até os dias de hoje, revelou uma transição do amadorismo para uma indústria multimilionária. A entrada massiva de capitais, provenientes de direitos de imagem, emissões televisivas, patrocínios e investidores, trouxe consigo uma série de desafios, incluindo a influência excessiva dos interesses comerciais sobre as entidades desportivas. O foco excessivo nos resultados financeiros muitas vezes desconsidera os valores fundamentais do esporte e expõe o futebol a práticas corruptas que prejudicam a sua integridade.

Casos emblemáticos, como o envolvimento de dirigentes notáveis, incluindo João Havelange, Ricardo Teixeira e Joseph Blatter, ilustram como as altas esferas do poder no futebol foram marcadas pela corrupção, pelos conflitos de interesses e pela procura de benefícios pessoais. A relação entre estes dirigentes e figuras icónicas do futebol, como Pelé, realça a complexidade das redes de influência e dos interesses comerciais que muitas vezes transcendem as fronteiras éticas.

O FIFAgate, um escândalo de corrupção na FIFA, revelou um sistema global de subornos, propinas e esquemas fraudulentos, abalando as estruturas da entidade máxima do futebol mundial. As ações do FBI neste contexto foram cruciais para expor práticas corruptas e marcaram um ponto de viragem nos esforços para erradicar a corrupção no desporto.

A inserção do Compliance no cenário esportivo, especialmente após a Operação Cartola no Brasil, indica um reconhecimento da necessidade de governança corporativa e de medidas eficazes para prevenir, investigar e punir práticas ilícitas nas organizações esportivas. No entanto, os desafios persistem, destacando a resistência à mudança e a complexidade de lidar com interesses económicos e políticos enraizados no futebol.

A transparência, a responsabilização e a integridade surgem como imperativos cruciais para reconstruir a confiança no desporto. O papel fundamental da mídia,

especialmente do jornalismo esportivo, na divulgação de casos de corrupção e na promoção de mudanças também ficou evidente ao longo do estudo.

A colaboração entre o jornalismo investigativo e as autoridades, evidenciada na ação do FBI no FIFAgate, destaca a importância da cooperação entre diferentes setores para erradicar a corrupção. O jornalismo, ao atuar como quarto poder, desempenha um papel essencial no equilíbrio das relações de poder e na garantia de que as práticas corruptas não fiquem impunes.

Portanto, a conclusão deste estudo reforça a necessidade de fortalecer e proteger o jornalismo independente e investigativo, reconhecendo o seu papel instrumental na promoção da transparência, da responsabilização e da preservação da integridade do futebol. À medida que a sociedade se torna mais consciente e exigente, o jornalismo continua a ser uma ferramenta vital na construção de um futuro em que o futebol não seja apenas um espetáculo desportivo, mas um campo onde a honestidade e a paixão prevaleçam sobre a corrupção e os interesses instalados. sombrio.

REFERÊNCIAS

ASFORA, Raphaella Viana Silva. Webjornalismo esportivo e o combate à corrupção no futebol. 2021.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. Manual do jornalismo esportivo. Contexto. São Paulo. 2006

BOCAGE, Sergio du. Na mesa redonda. In: Jornalismo esportivo: os craques da emoção. Secretaria Especial de Comunicação Social. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. 2004

BRETONES, Marcos Jardim de Amorim. Redação Sportv: uma experiência de jornalismo esportivo crítico. Orientador: FILHO, Severino Francisco da Silva. Centro Universitário de Brasília (Uniceub). Brasília, 2010. Disponível em: <http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1087/2/20654435.pdf>. Acesso em:

CHARRON, Jean; DE BONVILLE, Jean. Natureza e transformação do jornalismo. Digitaliza Conteudo, 2023.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Ética no jornalismo. Editora Contexto, 2015.

COELHO, Paulo Vinícius. História de paixão. In: Jornalismo esportivo: os craques da emoção. Secretaria Especial de Comunicação Social. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. 2004. Disponível em <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204433/4101403/estudos11.pdf&ved=2ahUKEwis1Kidmr7oAhUdKr kGH eNGC5UQFjAAegQIAxAB&usq=AOvVaw1VDXclLBDCMhFxyL0YXRoD>. Acesso em

COELHO, Paulo Vinícius. Bola Fora: O Êxodo do Futebol Brasileiro. São Paulo: Panda Books, 2009.

COELHO, Paulo Vinícius. Jornalismo Esportivo. 2011, São Paulo: Editora Contexto

COELHO, Paulo Vinícius. Jornalismo Esportivo. 2ª edição. São Paulo. Editora Contexto, 2004.

COELHO, Paulo Vinícius. Jornalismo Esportivo. Contexto. São Paulo 2003

DEUZE, Mark; WITSCHGE, Tamara. Além do jornalismo. Leituras do jornalismo, v. 2, n. 4, 2015.

DEUZE, Mark; WITSCHGE, Tamara. O que o jornalismo está se tornando. Parágrafo, v. 4, n. 2, p. 06-21, 2016.

FAVA, Marco. Calciopoli 2006: Lo Scandalo che rivoluzionó La Serie A (Poker Stars News Italia 2020). Reportagem de 21 de Abril de 2020. Disponível em: <https://www.pokerstarsnews.it/calcio/calciopoli-2006/7615/> Acesso em:

FERNANDES, José Carlos; DE LIMA, Myrian Regina Del Vecchio. Conexões entre o jornalismo hiperlocal e o jornalismo investigativo: algumas reflexões e observações. *Comunicação & Inovação*, v. 18, n. 36, p. 51-67, 2017.

FORTES, Leandro. *Jornalismo Investigativo*. São Paulo; Contexto, 2005

GUERRA, Márcio de Oliveira. Entrevista: Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra [set. 2015]. Entrevistador: Carlos Augusto Tavares Junior. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2015.

HELAL, Ronaldo. 2015. Entrevista com o Prof. Dr. Ronaldo George Helal [set. 2015]. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ

HUNTER, Mark Lee. *A investigação a partir de histórias: um manual para jornalistas investigativos*. UNESCO Publishing, 2013.

JENNINGS, Andrew. *Jogo Sujo, O Mundo Secreto da FIFA: Compra de Votos e Escândalo de Ingressos. (Foul!)*. Tradução Renato Marques de Oliveira. 1.ed. São Paulo: Panda Books, 2011.

JUNIOR, Carlos Augusto Tavares. *Jornalismo esportivo: o que é*. *Pauta Geral*, v. 4, n. 2, p. 38-59, 2017.

KARAM, Francisco José Castilhos. *Jornalismo, ética e liberdade*. Summus Editorial, 2014.

LISBOA, Silvia Saraiva de Macedo; BENETTI, Marcia. *O jornalismo como crença verdadeira justificada*. *Brazilian Journalism Research*. Brasília, DF. Vol. 11, n. 2 (2015), p. 10-29, 2015.

MALULY, Luciano Victor Barros. *Jornalismo esportivo: desafios e propostas*. In: Trabalho apresentado no XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Caxias do Sul. 2015.

MALULY, Luciano Victor Barros. *Pequeno manual da reportagem esportiva*. In: *Jornalismo esportivo: os craques da emoção*. Secretaria Especial de Comunicação Social. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. 2004. Disponível em < <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204433/4101403/estudos11.pdf&ved=2ahUKEwis1Kidmr7oAhUdKrKGEeNGC5UQFjAAegQIAxAB&usg=AOvVaw1VDXclLBDCMhFxyL0YXRoD>>. Acesso em

MATTOS, Rodrigo. CBF e Conmebol reúnem-se para superar crise Caboclo e fazer Copa América 2021. UOL Esporte, Coluna Rodrigo Mattos. Notícia publicada em 06 de Junho de 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/colunas/rodrigomattos/2021/06/06/cbf-e-conmebol-reunem-se-para-superar-crise-caboclo-e-fazer-copaamerica.htm> Acesso em:

MELLO, Fernando Ferreira. Esporte e literatura.

MILLS, Jhon. Charles Miller: o pai do futebol brasileiro. Panda Books. 2005. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=N34IAwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=ptB R&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em

NETO, Helcio Herbert. Liberdade Interpretativa e Jornalismo Esportivo no Brasil: um Universo para Pesquisa. VII Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Cotidiano, p. 532-541, 2018.

PERDIGÃO, Daniel. Jornalismo esportivo nos cursos de jornalismo de universidades brasileiras. Revista Observatório, v. 3, n. 3, p. 390-414, 2017.

REDISCH, Ricardo; UNZELTE, Celso Dario; DO PRADO, Magaly Parreira. JORNALISMO ESPORTIVO-V. 4. Saraiva Educação SA, 2017.

REGINATO, Gisele Dotto. As finalidades do jornalismo. Editora Insular, 2019.

RIBEIRO, André. Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva no Brasil. 1ª edição. Editora Terceiro Nome. São Paulo, 2007.

RODRIGUES, William Costa et al. Metodologia científica. Faetec/IST. Paracambi, p. 2-20, 2007.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. Jornalismo investigativo: o fato por trás da notícia. São Paulo: Summus, 2005.

SÉRGIO, Renato. Maracanã 50 Anos de Glória. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000

The New York Times (The Editorial Board): FIFA's Corruption Stains World Soccer. 2015. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2015/05/28/opinion/fifas-corruption-stainsworld-soccer.html> Acesso em:

TOLEDO, Luiz Henrique. Lógicas no futebol. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.

VENÂNCIO, Rafael de Moraes. "Há coisas que só acontecem ao Botafogo": o mito da imparcialidade dentro do jornalismo esportivo. Juiz de Fora: UFJF; FACOM, 2º semestre. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social. 2005. Disponível em: <http://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/RVenancio.pdf>. Acesso em: